

O TRABALHADOR

INFORMATIONS DE LA C.G.T. EN LANGUE PORTUGAISE

RÉDACTION ET ADMINISTRATION : 213, RUE LAFAYETTE - PARIS-X^e - AVRIL 1966

COMO EM 1936

LUTAS OPERÁRIAS

por Marcel DUFRICHE

membro da C.A. da C.G.T.

As Poderosas manifestações da classe operária, que abalam a França de Norte a Sul, testemunham o profundo descontentamento que reina no seio dos trabalhadores e da sua determinação de conseguir condições de vida e trabalho mais normais e dignas do homem.

Em todas as corporações, as reivindicações operárias são brutalmente recusadas pelos patrões, que se tornam tanto mais arrogantes quanto sabem que têm o apoio total do poder gaulista. Este, por seu lado, manifesta o mesmo desprezo para com os assalariados do sector público e foi por esta razão que os ferroviários, empregados do gás e electricidade, mineiros, funcionários, etc.; recorreram ao mesmo meio que os trabalhadores do sector privado: a greve.

É uma grande batalha que se está a travar e o resultado desta batalha depende da unidade da classe operária e da sua determinação de a levar até à vitória. Nenhuma melhoria DURAVEL no domínio dos salários, da garantia de empregos, da redução do tempo de trabalho sem perda de salário, da extensão das liberdades sindicais — e para os trabalhadores imigrados da igualdade de direitos — será obtida sem uma luta encarniçada contra a coalisão patronato-governo, com a qual a classe operária se choca constantemente.

É certo que este inimigo de classe é poderoso, mas a classe operária UNIDA é invencível, porque é ela o elemento capital da economia. Sem ela, sem o trabalho dos milhões de assalariados, a terra seria um deserto e a ciência e a técnica não teriam nenhuma aplicação prática. Estar consciente da própria força constitui um factor essencial de sucesso.

Os trabalhadores imigrados participam na batalha travada, não por simples solidariedade, mas sim porque os seus interesses estão postos directamente em causa. Os salários constituem uma das reivindicações; mas a reivindicação principal é a da garantia de emprego. Se as concentrações de empresas continuarem a fazer-se sem que a duração do trabalho seja reduzida, centenas de milhares de trabalhadores ficarão dentro em breve desempregados e viriam engrossar o número já elevado dos infelizes que perderam o seu ganha-pão. Lutar todos juntos pela redução do tempo de trabalho, sem diminuição dos salários, é não só assegurar o presente mas também conservar o futuro. O mesmo se passa com os outros objectivos da luta actual.

Neste ano de 1966, comemoramos o trigésimo aniversário da histórica vitória alcançada em 1936 pela classe operária francesa. Há 30 anos, conseguimos arrancar, pela primeira vez no mundo, a semana de 40 horas com os salários consideravelmente aumentados e 15 dias de férias pagas, e o reconhecimento dos delegados do pessoal a ainda muitas outras vantagens.

O que então foi possível, é-o hoje, ainda, sob as mesmas condições: — UNIDADE E ACÇÃO.

Para convosco, trabalhadores imigrados de 1966, falamos da mesma maneira que para com os de 1936: sois nossos irmãos de classe; os nossos interesses são comuns, o mesmo combate nos une.

Com confiança e firmeza, preparemos, nas lutas presentes, um dia primeiro de Maio vitorioso.



O 15 de Março em Bordeaux

Pode ler-se, sobre o pequeno cartaz do primeiro plano, « Os mesmos direitos sociais para os imigrados. »

milhoes que lutam pelas suas reivindicações

METALURGIA

O dia de acção levado a cabo em 15 de Março, organizado pela C.G.T., a C.F.D.T. e a F.O., teve um incremento excepcional. Centenas de milhar de operários da indústria metalúrgica deixaram o trabalho, na sua maior parte durante duas horas e organizaram « meetings » e manifestações nas ruas.

Na região parisiense calcula-se em mais de 300.000 o número dos grevistas e em cerca de 150.000 o número dos manifestantes.

Na província, o movimento foi tão poderoso como em Paris: 200.000 grevistas no Norte e no Pas-de-Calais; 45.000 no Loire; 40.000 no Rhône; 20.000 na Seine-Maritime; 20.000 na região de Grenoble, etc. Na maior parte das grandes cidades industriais houve greves e manifestações. Na Meurthe e Moselle houve greves de 24 horas nos principais centros: Knutange, Hagondange, Rombas, Hayange, Jœuf, Homecourt, Auboué, etc. Muitas vezes, depois das greves parciais, houve « meetings » e manifestações até às Câmaras Patronais e às vice-Prefeituras.

INDUSTRIA QUIMICA

Se os operários da indústria metalúrgica participaram massivamente no dia de acção em 15 de Março, não eram só eles que lutavam pelas suas reivindicações. Os operários da indústria química responderam em massa ao apelo comum da C.G.T., da C.F.D.T. e da F.O. Houve greves no Norte e no Pas-de-Calais, no Loire-Atlantique, no Loiret, onde 3.500 trabalhadores de Hutchinson fizeram uma greve de 3 horas; em Bordéus, greve de 24 horas; no Rhône 15.000 manifestaram em Clermont-Ferrand e os 10.000 trabalhadores da empresa Michelin fizeram greve durante 24 horas.

As acções reivindicativas do dia 15 de Março foram mais poderosas, mais massivas que as do dia 15 de Fevereiro. Várias dezenas de milhar de novos operários participaram nesta batalha.

INDUSTRIA TEXTIL

Na indústria textil, igualmente, as acções reivindicativas com que os trabalhadores responderam ao apelo da C.G.T. e da C.F.D.T., tiveram uma amplitude excepcional.

Na região do Norte, estas acções reivindicativas foram levadas a efeito em quase todas as empresas, incluindo mesmo aquelas onde ainda não há organização sindical.

Calcula-se em cerca de 12.000 o número dos grevistas em Lille, Roubaix e Tourcoing. No Isère, no Rhône, na Seine-Maritime, houve paralizações de trabalho. Em Troyes havia cerca de 6 a 7.000 grevistas. Na maior parte dos casos, os grevistas foram com os seus camaradas das outras corporações levar as suas reivindicações até às Câmaras Patronais.

CONSTRUÇÃO CIVIL

Na Construção Civil, as obras ficaram desertas e os trabalhadores responderam dum modo magnífico ao apelo das organizações sindicais.

Nas Bouches-du-Rhône e no Hérault, respondendo ao apelo da C.G.T., C.F.D.T. e F.O., houve uma greve efectiva de meio dia de trabalho. Em Nantes, quase todas as empresas foram afectadas (todas as grandes empresas o foram) com paralizações de trabalho de uma hora. Em Toulon, Marselha e Paris participaram nas delegações que foram às Câmaras Patronais. Houve iguais acções também no Rhône, Seine e Oise, Loire, Gironde, Haute Vienne, Finistère, etc.

NAS OUTRAS INDUSTRIAS

Na indústria do Vidro, houve greves, durante duas horas, em inúmeras e grandes empresas da Seine, Allier, Seine-et-Marne, Somme, Rhône, Norte...

Muitas vezes, os trabalhadores do Papel e do Cartão fizeram greve durante 24 horas e várias delegações foram às Câmaras Patronais.

Nas indústrias da Alimentação, do Vestuário e da Cerâmica e também na Agricultura, os trabalhadores participaram igualmente em numerosas manifestações e delegações.

Os Empregados dos Bancos e do Comércio fizeram do dia 18 de Março o dia de acção nacional. Os ferroviários, por sua vez, fizeram greve nos dias 17 e 18 de Março. Os mineiros fizeram uma greve poderosa no dia 19.

Outras acções reivindicativas foram levadas a efeito neste período: Os empregados da « Sécurité Sociale », no dia 19 de Março, os empregados dos Correios, no dia 29, o pessoal dos Hospitais, no dia 30. Depois de fazerem uma greve de 24 horas, no dia 7 de Janeiro, os operários dos Tabacos e Fósforos recomeçaram no dia 29 de Março; os trabalhadores do Estado fizeram igualmente uma greve de 24 horas, no dia 29 de Março.

A CONVENIÊNCIA DE SER SINDICALIZADO

Um operário sem estar inscrito num sindicato, é como uma peça isolada de uma grande máquina, pretendendo ser completa mas sem jamais o conseguir.

No nosso tempo, como afinal em todas as épocas, o que o esforço de dois braços não conseguem, pese embora à sua grande vontade, uma dezena de braços realiza. É que o esforço conjugado é sempre de aconselhar, para quaisquer obras que se pretenda construir. É bem compreensivo o exemplo da formiga:

— quando uma palha maior, ou qualquer grão, não pode ser levado por uma unidade da grande comunidade da formiga, logo outras formigas vêm juntar-se à primeira. E, conjugando esforços, elas conseguem levar para o devido recato a sua preciosa carga. E isso só é possível quando as forças isoladas de cada um se unem de forma a conseguirem uma grande, uma imensa, uma invencível força!

O simples e belo exemplo das formigas pode, e deve, ser imitado pelos homens. Pode e deve ser imitado pelos homens que trabalham, pelos trabalhadores que produzem riqueza, riqueza que se lhes vai das mãos porque segue direitinha para o acúmulo dos que possuem a engrenagem montada para a dura, a brutal exploração do homem pelo homem.

Assim, se todo o trabalhador, homem ou mulher, procurar compreender o exemplo de unidade, de disciplina, de entrega de formiga, a vitória, que é certa, estará mais à mão dos proletários, num espaço de tempo menos longo que se a desunidade, se cada um puxando para si, for uma lamentável realidade durante ainda algum tempo.

O melhor meio de unir os trabalhadores, quaisquer que sejam os ramos em que produzam riqueza, é o Sindicato. É através do Sindicato que os trabalhadores melhor se podem unir, melhor se sentem unidos. Qualquer reclamação, qualquer luta no « chantier », na oficina, na fábrica, na mina, no campo ou na doca, se for sustentada por todos quantos fazem parte desse « chantier », dessa oficina, dessa fábrica, dessa mina, dessa região camponesa, ou desses portos de descarga em luta, se todos marcharem unidos para a reclamação ou, quando tal se imponha, para a greve a vitória jamais deixará de ser dos trabalhadores. E todos sabendo-se amparados por todos, sentir-se-ão mais fortes, mais solidários, mesmo nos períodos mais duros da luta, e consequentemente o desânimo será varrido pela potência em confiança, pelo natural entusiasmo dos mais batalhadores.

É a Confederação Geral dos Trabalhadores (C.G.T.) a mais potente organização sindical da França. Milhões de trabalhadores fazem parte das suas fileiras,

Neste forte sindicato estão milhares e milhares de trabalhadores estrangeiros: italianos, espanhóis, portugueses, argelinos, marroquinos, gregos, etc., como fazendo parte de uma grande e verdadeira família a que pertencem: — a grande família dos operários, dos explorados, dos que vendem o esforço, a força-trabalho a troco de os deixarem ir vivendo com todas as dificuldades e sofrimentos que pesam sobre os obreiros.

Mas vai chegando o tempo, é preciso abreviar a hora, em que

(Conclui na pág. 2.)

TRABALHADOR: CONHECE OS TEUS DIREITOS

PROBLEMAS

DA « SÉCURITÉ SOCIALE »

- Se o seu médico lhe prescrever uma refeição no campo, não parta sem pedir antes autorização à « Caixa » da S. Social a que pertence.
- Antes de mandar fazer uma dentadura, ou encomendar um aparelho ortopédico, não esqueça de pedir previamente o acordo da sua Caixa.
- Peça ao seu médico que lhe informe se os medicamentos que ele lhe prescreve são ou não reembolsáveis pela S.S.
- Se você está doente e deve interromper o seu trabalho... Não esqueça nunca de avisar a sua Caixa dentro dos dois primeiros dias que deixou de trabalhar.
- O segurado tem a livre escolha do estabelecimento de cura onde ele desejar ser hospitalizado, mas a Caixa pode limitar o seu reembolso à tarifa que tenha de observar, se a hospitalização tiver lugar no estabelecimento da mesma natureza mais próximo, e onde os mesmos tratamentos poderão ser ministrados.
- A sua mulher está consigo em França. Ela espera uma criança. Não arrisque a perder os seus direitos por uma negligência! Previna imediatamente a sua Caixa de Sécurité Sociale.
- Se você transferir o seu domicílio definitivamente para uma circunscrição duma outra Caixa da « S. Sociale », você tem todo o interesse em se fazer conhecer nessa nova Caixa na qual você irá receber o que tiver direito, se se der a circunstância nesse sentido.
- A correspondência com a « Sécurité Sociale » dispensa de selo de correio. Não ponha, pois, selo nessa sua correspondência. Não ponha, igualmente, qualquer selo dentro para a resposta.
- Lembre sempre nos documentos da S.S. o seu número de matrícula na « Sécurité Sociale », sempre que escreva a este organismo social.

A CONVENIÊNCIA DE SER SINDICALIZADO

(Conclusão da pág. 1)

os trabalhadores possam ser senhores do seu destino. Unidos, através dos sindicatos, numa grande força, numa força que, sendo verdadeiramente sólida, será invencível, os operários têm o futuro ao alcance das suas mãos. Para tanto, torna-se absolutamente indispensável que os trabalhadores sejam membros do respectivo sindicato. O que pedimos aqui aos portugueses, também é pedido aos espanhóis, aos africanos, aos gregos e a todos os outros operários estrangeiros que empregam a sua força-riqueza, como classe, que está em jogo. O governo gaullista pretende quebrar a nossa força, promovendo a desunião do operariado. Pretende tirar o maior proveito da vinda dos trabalhadores emigrantes, a fim de tentar quebrar o espírito de luta da classe operária da França; mas é necessário que, para o bem da própria emigração trabalhadora, e de quantos trabalham, em geral, se promova o mais urgentemente possível a unidade dos trabalhadores, de todos os trabalhadores, quaisquer que sejam as suas crenças políticas ou religiosas, a sua nacionalidade e profissão. Essa unidade pode e deve ser feita através da inscrição de cada operário no respectivo sindicato.

A C.G.T. acolhe nas suas fileiras, hoje já bastante potentes, mas que se pretende seja amanhã ainda mais forte, todos os obreiros de todas as nacionalidades que estejam trabalhando na França, qualquer que seja a região onde trabalhe. E a todos dispensa o mesmo apoio moral e material, não distinguindo entre eles, seja a que pretexto for, qualquer favoritismo. Para a C.G.T. uma só qualidade conta: — a de trabalhador. Por isso, amigo português, se ainda não estás inscrito nesta grande família de operários que é a C.G.T., inscreve-te sem perda de tempo. O interesse é nosso, de todos quantos trabalham neste país. Por isso, esse interesse é, essencialmente, teu, também, como parte da grande legião de proletários a que pertences, amigo!

UM APELO DA U.D. C.G.T. DA SEINE

Trabalhadores portugueses, No Departamento do Sena, entre os três milhões de assalariados, há 450.000 imigrantes. E, entre estes, há algumas dezenas de milhares de trabalhadores portugueses!

Num todo, unidos e organizados, nós constituiremos uma força decisiva. Os patrões e o Governo sabem-no bem e por isso fazem tudo para nos dividir e manter a divisão dos trabalhadores, quaisquer que sejam as suas nacionalidades.

A C.G.T., que agrupa centenas de milhares de aderentes e que tem a vossa confiança, esforça-se constantemente pela união dos assalariados e das suas organizações sindicais, a fim de impôr:

- O aumento geral dos salários, das reformas e das pensões.
- A redução do tempo de trabalho e a garantia de emprego, sem diminuição de salário.
- A diminuição dos impostos fiscais.
- O melhoramento dos transportes parisienses e a construção de habitações, incluindo para os imigrantes.
- As liberdades sindicais, especialmente nas Empresas.
- A Paz e a Democracia.
- Novas convenções colectivas de trabalho.

A C.G.T., que procura ajudar todos os salarizados, tem, igualmente, reivindicações específicas para os Emigrantes. Elas são diariamente defendidas pelos seus Sindicatos e Unões Locais. Estas reivindicações referem-se à igualdade: de salários, de condições de trabalho, de habitação, de higiene e de segurança no trabalho.

A C.G.T. É A MAIOR ORGANIZAÇÃO SINDICAL FRANCESA!

Ela agrupa homens e mulheres de todas as opiniões. Os seus Sindicatos são dirigidos por trabalhadores elevados aos postos de direcção pelos seus camaradas, operários sindicalizados como eles.

A C.G.T. é a artesã da Unidade operária, indispensável para o bem-estar, para a Demo-

(Conclui na pág. 4.)

Permanências da CGT para Portugueses

NO SENA :

SINDICATO RENAULT-BILANCOURT. — 82, rue Yves-Kermen. Todas as Quartas-feiras, das 18 às 19 horas.

SAINT-DENIS. — Na Bolsa do Trabalho, 4, rue Suger, todos as Terças e Sextas-Feiras, das 17 às 19 horas.

AUBERVILLIERS. — Na União Local da C.G.T., 13, rue Pasteur, todos os sábados, das 18 às 19 horas.

VILLEJUIF. — Na União Local da C.G.T., no 1º sábado de cada mês.

CHAMPIGNY - SUR - MARNE. — Na Bolsa do Trabalho, 95, rue de Verdun. Todos os Domingos, das 10 às 12 horas.

SAINT-OUEN. — Na Casa dos Sindicatos. Todas as Segundas-Feiras, das 19 às 20 horas.

BOLSA DO TRABALHO-C.G. T., 3, rue Château-d'Eau (Bâtiment). Todas as terças-feiras, das 18 às 19 horas.

NO SENA E MARNE :
MELUN. — Na Bolsa do Trabalho, quai H.-Rossignol. Todos os Domingos, das 10 às 12 horas.

NO SENA E OISE :
JUVISY-SUR-ORGE. — Na U.L. C.G.T., 10, rue Châtillon, todas as Segundas, Terças e Quintas-Feiras, das 18 às 20 horas.

GRENOBLE. — Na Bolsa do Trabalho, 2, rue Berthe-de-Boissieux. Todas as quartas-feiras, das 18,30 às 19,30 horas.

NEVERS (Nièvre). — Sindicato da Construção - Boulevard L. de Coubertin - 5º andar-Sala 31 - Todas as Segundas, Quartas e Sextas-Feiras, das 18 às 19 horas, e todos os Sábados das 14 às 18 horas.

Reeducação profissional dos trabalhadores

O Centro « Suzanne Masson » é uma realização dos sindicatos da Indústria Metalúrgica C.G.T. e da U.S.T.M., aprovada pela « Sécurité Sociale ». É feito para acolher os trabalhadores incapacitados em consequência de acidentes de trabalho ou os doentes estabilizados que não podem continuar a exercer as actividades que tinham antes de adoecerem.

Neste Centro existem 23 classes de reeducação profissional. Mais de 100 estagiários imigrantes, Argelinos, Italianos, Espanhóis e Portugueses — homens e mulheres — receberam uma formação profissional e foram colocados noutras empresas como estenodactilógrafos, cardoieiros e cordoieiros, reparadores de aparelhos electrónicos e agentes técnicos.

Seja-nos permitido sublinhar particularmente o acolho caloroso e amigo que a direcção do Centro « Suzanne Masson » reserva aos nossos camaradas imigrantes.

TRABALHADOR PORTUGUÊS EM FRANÇA

Amigo,

A tua ajuda na distribuição do jornal « O Trabalhador » é duma importância extraordinária.

Um jornal que fica em monte no canto dum armário ou em qualquer outro lugar, é uma flagrante injustiça em relação aos milhares e milhares de trabalhadores portugueses que teriam gosto em lê-lo.

Ajuda na sua distribuição, pois, o

O pagamento dos 100 Francos está a cargo do patroa

A. M... GRENOBLE (Isère).

Somos numerosos Portugueses nesta obra e para obter os nossos papéis pagámos 100 francos; é a nós que os competia pagar?

NAO SE ESQUEÇA DA REVALIDAÇÃO DAS « CARTES DE SÉJOUR »

J. de C... AMIENS (Somme).

● Quando se deve renovar a « carte de séjour » ?

● As « cartes de séjour » podem ser revalidadas na data em que deixam de ser válidas e se os titulares preenchem as condições às quais se subordinava o estabelecimento das suas primeiras « cartes ».

Os pedidos de revalidação das cartas temporárias ou ordinárias de séjour devem ser feitos — para o departamento do Sena — na Prefeitura da Polícia (Serviços Estrangeiros) — e nos outros departamentos, no Commissariado de Polícia da residência do interessado, ou, se não houver Commissariado, na « Mairie ». A revalidação de uma carta de residente privilegiado pode ser acordada facilmente, depois de o interessado fazer o pedido à Prefeitura da Polícia de que depende a sua residência.

● O pedido de revalidação de qualquer carta de séjour deve ser efectuado :

- nos quinze dias que precedem a expiração da sua validade, se se tratar de uma carta de residente temporário;
- durante o trimestre que precede a expiração da validade da carta, se se tratar de um residente ordinário ou de um residente privilegiado.

● Para cobrir as despesas feitas com vistas à regularização da situação de um trabalhador imigrado, é o patroa que deve entregar ao « Office National de Imigração » (O.N.I.) uma taxa de 100 francos; não é, portanto, o trabalhador quem os deve pagar.

Aproveitando-se do desconhecimento que os trabalhadores imigrantes têm das leis francesas em vigor, alguns patrões fazem-nos pagar esta taxa.

Esta forma de proceder é absolutamente ilegal e justifica amplamente a intervenção do conselho dos prud'homens. Numa tal situação, o vosso interesse é o de vos dirigirdes às organizações da C.G.T.

NO CASO DE PERDA DA « CARTE DE SEJOUR »

A. C... CHAMPIGNY (Seine).

● Se eu perder a minha carta de séjour, o que devo fazer ?

● O trabalhador que perder a carta de séjour deve declará-lo o mais cedo possível no Commissariado da Polícia, ou nos caso de este não existir, na « Mairie » da localidade da sua residência — sob reserva que possa ser provado que a carta de séjour não lhe tenha sido apreendida, como seguimento a uma medida de expulsão pronunciada contra esse trabalhador, e na condição de trazer um novo selo fiscal correspondente à duração de validade da carta perdida; poderá então obter uma cópia da carta perdida, passada pela Prefeitura, depois de verificação.

GREVE num « chantier » em Aubigny

No « chantier » de Aubigny, onde a empresa Ramos-Altissen, de Mehun-sur-Yèvre, iniciou há alguns meses a construção de um colégio de ensino secundário, trabalham mais de três dezenas de operários, entre os quais metade são trabalhadores portugueses. Os salários são o mais degradante possível, oscilando entre os 250 e os 180 francos antigos à hora.

Perante condições tão humilhantes e exploradoras de trabalho, foi pedido um aumento de 0,30 F. à hora. A direcção aceitou o aumento para alguns operários, mas regeitou o pedido de outros, numa medida discriminatória que é um atentado contra o operariado estrangeiro e não está de acordo com a moral e o espírito da lei.

Mas naturalmente que os operários não se deixaram levar por esta medida de divisão dos patrões, até pelo contrário, voltaram a fazer o seu pedido perante uma base de igualdade para todos.

Assim, no dia 8 de Outubro, para apoiar as suas reivindicações, entraram imediatamente na acção, fazendo uma paragem de trabalho que foi das 13 às 16 horas.

Como não obtivessem qualquer resultado positivo, e perante a obstinação dos patrões de continuarem com a medida discriminatória, que colocava os trabalhadores perante uma perspectiva de miséria com os salários pagos, uma grande parte resolveu abandonar o trabalho daquela empresa.

Deixaram assim à empresa o dilema de ter de pagar salários segundo as disposições da lei e dos seus contratos, para poder continuar a construção da obra. Não pagando melhor não terá mão-de-obra e não poderá, desse modo, realizar a obra dentro do prazo do seu contrato.

Estes exemplos, que teve o apoio de uma secção da C.G.T., é uma prova de que o operariado, unido, lutando contra um patronato rapace que diariamente procura tirar partido das fracas condições existentes entre os trabalhadores estrangeiros, deve frutificar noutros locais. Por isso aconselhamos todos os trabalhadores portugueses a unirem-se aos seus colegas franceses e estrangeiros para a luta pelas suas reivindicações.

Adere, pois, trabalhador português, à C.G.T. e luta pelos direitos a um maior salário, a melhores condições de trabalho e de acomodação e luta contra o capitalismo feroz que espreita o operário em todas os seus caminhos.

C.G.T.,
213, rue Lafayette, Paris-10°



NOTÍCIAS DE PORTUGAL

Companhia indesejável

Por negarem os direitos sindicais e o direito de greve aos trabalhadores, as ditaduras de Salazar e de Franco são internacionalmente condenadas e repelidas. Foi o que sucedeu recentemente na reunião do B.I.T. (Bureau International du Travail), em que representantes dos sindicatos fascistas de Portugal e Espanha que, mandatados pelos governos respectivos de Salazar e Franco, se apresentaram na Conferência.

Se juntarmos a este facto, os inúmeros protestos que, de todos os cantos do mundo, se erguem para condenar as violências e os crimes praticados por estes regimes, o quadro do seu completo isolamento surge-nos com toda a nitidez. A apoiá-los só existe a cumplicidade dos grupos internacionais mais reacçãoários, a quem cedem bases militares que comprometem a soberania dos seus países pondo em perigo a vida dos respectivos povos, a troco de armas com que reprimem as massas trabalhadoras ou fazem guerras coloniais injustas e condenadas a derrota. A condená-los e a repudiá-los, está a imensa maioria dos governos, dos homens e mulheres de boa vontade, dos largos sectores progressistas de todo o mundo.

Em Portugal, como em Espanha, os democratas e verdadeiros patriotas sabem que sob a repulsa

declarada dos governos de Salazar e de Franco... como acaba de fazer a B.I.T. ... se manifesta implicitamente a solidariedade internacional são uma ajuda real aos povos de Portugal e Espanha, em luta pela sua liberdade, podem traduzir-se por gritos vibrantes de « Viva Portugal e Espanha », « Abaixo Salazar e Franco ».

Os governos fascistas negam aos trabalhadores os direitos sindicais e o direito de greve, reconhecidos internacionalmente na época em que vivemos.

Os trabalhadores portugueses e espanhóis, que nos seus países se viram proibidos de defender os seus direitos, fazem-no agora em França, inscrevendo-se na C.G.T., acompanhando os trabalhadores franceses na luta pelas reivindicações comuns.

E' claro que aos ditadores Salazar e Franco, defensores dos grandes capitalistas exploradores e dos seus governos de opressão, não agrada que os trabalhadores dos seus países se sindicalizem e interessem-se por si mesmos, que eles não adquiram consciência dos seus interesses de proletários. Mas uma coisa é o que querem os ditadores fascistas e outra, totalmente inversa, é o que querem e precisam os trabalhadores portugueses e espanhóis: por isso eles aderem á C.G.T., a organização sindical mais forte da França.

COMEÇA A DESVENDAR-SE O CASO DO GENERAL DELGADO

Nenhum democrata português deve aceitar que mais este crime da PIDE fique impune e por isso devemos exigir que os nomes dos assassinos sejam desvendados e a sua responsabilidade levada ao banco dos réus.

Segundo as últimas notícias referentes às investigações das autoridades judiciais de Espanha, sobre o assassinato do General Humberto Delgado, tudo conduz a uma meta que afinal todos os democratas portugueses defenderam desde o início: — foi a PIDE que assassinou o patriota português, com a ajuda das autoridades espanholas.

Destas investigações, que cada dia aclaram mais o assunto, ressalta imediatamente uma verdade terrível: a PIDE não se limita já ao trabalho de repressão em Portugal, mas bem pelo contrário

organiza a longo prazo as caçadas humanas, utilizando para isso a corrupção fácil de outros sistemas fascistas e a fragilidade dos polícias estrangeiros chamados « paralelos ».

Sabe-se já de fonte segura que alguns agentes da PIDE passaram com passaportes falsos, alguns pertencentes a estrangeiros que haviam passado férias em Portugal e a quem a PIDE teria dito que os seus passaportes se haviam perdido. Outras ligações com a policia espanhola da fronteira levam a crer que o General teria sido vítima de uma armadilha bem forjada pela policia politica dos dois países, com a ajuda de alguns civis, possivelmente « informadores » da PIDE.

Congratulamo-nos com o avanço deste processo que parecia indicado a perder-se no esquecimento dos arquivos e esperamos que a verdade surja quanto antes.

MILITARISTA FRANCÊS EM PORTUGAL

O ministro do Exército Francês esteve há tempo em Portugal, encontrando-se com os ministros da Guerra e da Marinha desse país, respectivamente General Gomes de Araújo e Almirante Quintanilha de Mendonça.

Estes militares e respectivo séquito realizaram uma viagem aos Açores, onde visitaram a base militar francesa da Ilha das Flores.

Com esta visita e vários acordos militares que o fascismo salarista realiza com potências estrangeiras, entre as quais a França, a América do Norte e a Alemanha, além da velha aliada Inglaterra, Portugal continua a ser como que dividido em parcelas, como o atestam as diversas bases militares espalhadas por esse país, entre as quais a de Beja, cedida aos militaristas alemães Montijo, Ota e S. Jacinto à N.A.T.O., e a da Ilha de Santa Maria, nos Açores, aos americanos.

Bonito quadro para os verdadeiros patriotas portugueses, não haja dúvida!...

A REPRESSÃO FASCISTA APERTA A SUAS MALHAS

Durante os primeiros meses de 1966 — Janeiro e Fevereiro — acentuou-se a caça aos anti-fascistas em Portugal, e novas prisões vieram a avolumar a já grande lista de prisioneiros políticos que nas cadeias fascistas sofrem as maiores humilhações e torturas.

Devemos manter-nos solidários com estas vítimas de Salazar, enviando protestos para a Embaixada Portuguesa em Paris, para o Ministro do Interior e Chefe do Estado em Portugal. Os trabalhadores portugueses podem ajudar na sua dolorosa situação e encurtar os seus períodos de prisão, angariando assinaturas de solidariedade.

Já diversos casos ilustram o êxito desta atitude e a solidariedade internacional ajudou em muito casos como de Manuel Rodrigues da Silva, Manuel Guedes, Maria Piedade e outros.

SOFIA FERREIRA DEVE SER LIBERTADA

Sofia Ferreira, que já acabou o período da sua pena nas cadeias salazaristas e cujo estado de saúde é muito grave, continua ainda nas masmorras fascistas. Militante operária, filha de trabalhadores do campo, ela é um exemplo da luta anti-fascista e por isso não a podemos esquecer.

Organizemos a luta, com a campanha internacional já em acção, para a sua libertação imediata.

Escrevamos neste sentido, a: Presidente da Republica-Portugal,

Ministro da Justiça,
Ministro do Interior,
Embaixador de Portugal, 3, rue Noisiel, Paris-16°.



Os trabalhadores portugueses de Paris comemoraram o 31 de Janeiro

Os trabalhadores portugueses residentes em Paris comemoraram a data festiva do 31 de Janeiro, com diversas sessões públicas de unidade democrática realizadas em Ste Denis, Ste Genevieve, Melun e Villejuif.

Cerca de 1.500 trabalhadores, estudantes e muitas mulheres puderam assim evocar a data em que se tentou pela primeira vez derrubar o sistema obsoleto da monarquia e que viria depois a ser coroado de êxito com o golpe de 5 de Outubro de 1910. Em Villejuif a reunião reverteu-se de um carácter de certa importância, ao serem propostas e aprovadas duas mensagens que foram enviadas para Portugal.

Foi evocado o facto de os democratas do Porto terem requerido ao Governador Civil daquela cidade autorização para realizar uma sessão pública, assinalando esta data revolucionária, e foi depois redigida uma mensagem em que os presentes se solidarizaram com o texto da sua petição e apreciaram a sua coragem de mais uma vez enfrentarem sem medo ou desfalecimento o sistema repressivo de Salazar.

Foi enviada ao Chefe do Estado português a segunda mensagem aprovada, pedindo uma amnistia geral e sem quaisquer excepções para os prisioneiros políticos de Portugal, salientando que alguns deles já há muito cumpriram as suas penas e mesmo períodos de « medidas de segurança ».

Todos os oradores desta sessão condenaram a guerra colonial feita em três colónias e em que se está a sacrificar a juventude portuguesa, atirando-a para uma luta ignóbil contra povos que não têm outra aspiração que não seja a da libertação e independência a que têm direito; foram todos unânimes em verificar o estado grave da economia portuguesa e a sua hipoteca agravada diariamente aos países imperialistas; referiram-se, apoiando, á atitude da oposição portuguesa e outros círculos durante a campanha eleitoral para deputados, e, finalmente, concluíram que cada vez é necessária maior unidade entre os portugueses anti-fascistas reforçando assim a oposição democrática e unindo-a mais numa luta comum — a luta contra o fascismo salazarista.

Estes festejos de evocação dos Percursos da República constituíram nos meios operários portugueses em Paris verdadeiras manifestações de fé patriótica num futuro de verdadeira democracia em Portugal.

O HEROI QUE MATOU O REIZINHO INIMIGO

Volto da guerra magoado.
O povo diz-me: « Soldado E's o mais bravo da terra »
Como o povo anda enganado.
Volto magoado da guerra.

« Gloria ás tuas cicatrizes »
Nos mais remotos países,
Feliz! teu nome é aclamado »
Ah! Sou dos mais infelizes!
Volto da guerra magoado.

Venci a maior batalha
E deram-me esta medalha,
Cobiçada em toda a terra,
Meu Deus, por mais que ela valha
Volto magoado da guerra.

Foi minha sorte e castigo
Vencer o reizinho inimigo
Nestas mãos ensangentadas,
Morreão chorando comigo
Volto da guerra magoado.

RIBEIRO COUTO
« Dia Longo ».

Esta poesia encontra-se no livro de leitura do 1º ciclo. Uma circular do Ministério da Educação nacional de Lisboa mandou não dar esta poesia, por ser contra o espírito que se pretende incutir na juventude.

Elementos do fascismo entre os trabalhadores imigrados

O sistema repressivo de Salazar não tem apenas o seu campo de acção dentro dos limites de Portugal e colónias; ele alastra-se para todos os locais onde vivem portugueses; e nos países estrangeiros onde encontrem acolhimento, eles constituem mesmo um número considerável e perigoso.

Mas agora surgiu uma nova forma de intromissão desses elementos provocadores nos meios operários portugueses e que é nossa missão denunciar para uma maior segurança dos trabalhadores democratas que labutam na França.

De fonte segura sabemos que nos contingentes de trabalhadores — de contrato colectivo — que partem de Portugal com destino à República Federal Alemã e à França são incluídos alguns elementos da Guarda Nacional Republicana e da Policia de Segurança Pública.

Eles aparecem nesses contingentes como antigos funcionários que agora são licen-

ciados por tempo indeterminado e que procuram no estrangeiro outras fontes de melhoria de vida que não há no paraizo de Salazar. Mas na realidade e atrás dessa máscara de emigrantes e de trabalhadores, eles continuam a ser elementos da máquina policial do fascismo que não pretende outra coisa que não seja a infiltração no meio operário para a denúncia torpe, a agitação e propaganda do fascismo e um trabalho evidentemente relacionado com a PIDE e toda a engrenagem de repressão daquela instituição policial da politica do Portugal fascista.

Chamamos a atenção dos operários portugueses para as suas manobras de infiltração e aconselhamos a todos que não deixem de os indicar aos vossos companheiros de trabalho, mesmo aos estrangeiros, isolando-os e colocando-os na marginalidade de convivência que merecem.

Não os deixem infiltrar, mantenham-se hostis á sua presença e sobretudo atenção ás suas manobras.

Frutos da era capitalista

A falta de segurança no trabalho tem dado trágicos resultados. Um dos mais espetaculares foi verificado no ano passado, quando do grande « imóvel » do Boulevard Lefèvre desabou estrondosamente, provando que não era mesmo um « imóvel », e matando para cima de duas dezenas de trabalhadores da construção. Numerosos outros desastres nos trabalhos se têm verificado, depois desse, fazendo mortos e feridos por dezenas.

Em resultado dum desses desastres, houve, no princípio deste ano, um julgamento. Um empreiteiro foi levado ao tribunal correcional, devido à morte de um dos seus operários, um português. E chamava-se Marinho da Costa. No desabamento, houve dois feridos, além desse morto. Verificou-se que as normas de segurança no trabalho não tinham sido respeitadas. Mas o empreiteiro, condenado em três mil francos, não tendo seguro no trabalho, para os seus operários, teve de pagar da sua bolsa essa importância.

Dizia com os seus botões: Três mil francos por este português que se matou estupidamente em França! O empreiteiro, de tão desgostoso que estava com o resultado da audiência, durante a qual ficou mais que provado que tinha havido desprezo pelas mais elementares normas de segurança no trabalho, nem esperou pelo fim dos debates. Naturalmente, outras obras o esperavam. E numa época em que a construção é um manancial de lucro, não se pode perder tempo com outras coisas que não seja... construir.

A vítima era um estrangeiro, Um português. Para os patrões, quer sejam franceses ou não, os trabalhadores só contam como meios de produção de que é necessário tirar o máximo rendimento com a menor despesa. Para este patrão francês, Marinho Costa foi um desgraçado estrangeiro, um português, que em França ocupou um lugar no mais baixo da escala social, « terrassier » — trabalho onde é raro ver outros operários que não sejam portugueses e norte-africanos... Trabalho duro, sujo, perigoso, e do mais mal pago que se conhece em terras francesas.

Na época presente, segundo disse um jornalista francês, nascer em Portugal é uma das piores partidas que a providência pode pregar a um ser humano! Portugal é um dos tais « Estados Fortes » que certa gente em França admira. Portugal leva a cabo em Angola, na Guiné e em Moçambique uma guerra, criminosa como todas as guerras, para dominar e manter na escravidão povos de outras raças. Mas Salazar não é capaz de conseguir alimentar, no próprio território, o seu próprio povo! Então, as infelizes gentes desta « grandeza de outra época », amputada de qualquer progresso técnico, político ou social, vem oferecer à burguesia francesa, por tuta e meia, os seus braços, o seu esforço, a própria vida!

Os patrões portugueses, escravizadores de africanos no seu país, permitem que os operários portugueses venham para França gastar e perder a vida num trabalho escravo. Tais são as « belezas » incontestáveis do fascismo salazarista, nesta época de admirável progresso científico e técnico que vai pelo mundo!

Como Marinho da Costa, muitos têm sido os trabalhadores portugueses que têm perdido a vida, em desastres no trabalho, desastres esses que se dão quase sempre pelo menosprezo das regras de segurança no trabalho, que a lei prevê mas para os quais os patrões se estão « marimbando », sempre que, para pô-las em prática, sejam necessárias despesas com material e trabalho. Para os patrões, é o lucro que conta, não a vida dos seus trabalhadores. Mas para os trabalhadores, é a defesa da sua própria vida e a consequente protecção da sua mulher e filhos e mais família, que deve contar! Unidos, através dos seus sindicatos, os operários devem SEMPRE exigir o respeito pela segurança no trabalho. E devem SEMPRE recusar-se a trabalhar em condições de insegurança que ponham em perigo a sua vida. Só desta maneira os desastres no trabalho virão a diminuir e, finalmente, o desaparecer a maior parte da origem das tragédias que enluta a classe operária.

ADERE à C.G.T.

Apelido Nome
 Profissão Idade
 Endereço
 Empresa e local de trabalho
 Data Assinatura :

Preenche esta proposta e entrega-a ao delegado C.G.T. onde trabalhas, ou envia-a à C.G.T. : 213, rue Lafayette, Paris-10°.

UM APELO DA U.D. C.G.T. DA SEINE

(Conclusão da pág. 2)

cracia e para a Paz. Ela sustém os povos que lutam pela conquista da Liberdade.

TRABALHADORES PORTUGUESES!

Na Côte d'Or (Costa de Ouro)

As rataranas nos « refeitórios »

Nos trabalhos da comuna de Chevène, a empresa de construção « Os Trabalhos Subterrâneos » constrói numerosos prédios. Dezenas e dezenas de trabalhadores aí trabalham e sofrem. Os trabalhadores imigrados argelinos, italianos, espanhóis e portugueses, são explorados de uma maneira escandalosa e vivem em condições incriveis.

Encontram-se « alojados » nas casas em construção, que ainda não possuem senão as paredes e os telhados em cimento, onde a água escorre por todo o lado.

Quando os trabalhadores saem daquilo a que a direcção da « L.T.S. » chama o « refeitório », as rataranas tomam posse do local, andam por toda a parte, sobre as mesas, sobre os recipientes...

Numerosos são os trabalhadores imigrados que conhecem um tal modo de vida. A solução de tais dificuldades consiste na participação activa ao lado dos outros trabalhadores, tanto no que diz respeito às reivindicações comuns a todos, como no que diz respeito às suas próprias reivindicações, especialmente no que diz respeito ao alojamento.

VOCES TEM O VOSSO LUGAR NA C.G.T. ADERI AOS SEUS SINDICATOS!

Isolados, nós estamos à mercê do patronato e do Governo, pois a nossa força reside essencialmente no número.

São por milhares os que votam pelos candidatos da C.G.T., quando os imigrados têm esse direito. Participando à actividade dos Sindicatos, os imigrados lhes darão uma maior eficiência!

Nas Empresas, um forte Sindicato é uma garantia de progresso pelas reivindicações. É um meio eficaz de derrotar a super-exploração vergonhosa de que são frequentemente vítimas os trabalhadores portugueses.

PARA OS TRABALHADORES PORTUGUESES, COMO PARA OS OUTROS IMIGRADOS, A C.G.T. RECLAMA IGUALMENTE OS MESMOS DIREITOS SOCIAIS EM MATERIA DE TRATAMENTOS MEDICOS E DE PRESTAÇÕES FAMILIARES, SOBRETUDO PARA ESSES QUE ENTRE VOS DEIXARAM EM PORTUGAL AS FAMILIAS.

EIS PORQUE NOS LANÇAMOS NESTA CAMPANHA PELA IGUALDADE DOS DIREITOS SOCIAIS PARA TODOS OS TRABALHADORES!

OPERARIOS, TRABALHADORES IMIGRADOS, ADERI A C.G.T.

UNIDADE

com os operários franceses na luta pelas nossas reivindicações

O ano primeiro desta re-elecção de De Gaulle não teve um começo tão brilhante como o desejariam os seus ministros, escolhidos para a continuação de uma política anti-democrática. E a começar pelo caso Ben Barka que ilustra uma das páginas mais sujas do governo Gaulista, temos agora o caso bem mais importante para a classe trabalhadora : o do Plano Debré.

As manifestações de protesto realizam-se diariamente em todos os locais do país, de modo a combater, numa frente de unidade sindical, a política do poder e do patronato, favorecido pela política actual.

Os operários franceses já conseguiram, pelas suas reivindicações, muitas liberdades que não tinham antes e dessas lutas aproveitamos hoje também o trabalhador estrangeiro; mas, do mesmo modo que o trabalhador imigrante conseguiu mais benefícios, maior é hoje a sua luta dentro da vida social operária francesa. Hoje, ele tem a responsabilidade da obrigatoriedade de se unir

com os seus camaradas não só para garantir os benefícios já adquiridos mas para lutar por novos direitos.

O trabalhador continua a receber salários baixos e em muitos casos insuficientes; as grandes companhias espreitam a menor oportunidade de fraquesa para fazer « licenciamentos » em massa e ao mesmo tempo aumentam os impostos, os preços dos transportes públicos e outras despesas obrigatórias para a vida normal e diária do operário.

O que deve fazer, então, o operário português, em face de tais circunstâncias? Deve juntar-se aos seus camaradas franceses, lutar pelas mesmas reivindicações e mentalizar-se na luta contra o poder do Estado anti-democrata e o patronato explorador e altamente capitalista.

Inscreve-te hoje mesmo na C.G.T., informa-te, quando tiveres dúvidas, junto do delegado da C.G.T. e segue os seus conselhos nesta luta em que forçosamente a massa operária triunfará.



SOLIDARIEDADE PARA COM O VIET-NAM

Manifestemos a nossa SOLIDARIEDADE para com o heróico povo do Vietnam!

ENVIAR FUNDOS à C.G.T. - C.C.P. 62-84 - PARIS (mencionando : « SOLIDARIEDADE AO VIETNAM »).

Vitória numa obra da construção civil

Numa obra da empresa de construção « Violamer na rua Baudin em Ivry (Seine), a direcção desta empresa recusou-se a satisfazer as reivindicações dos trabalhadores; estes decidiram paralisar totalmente o trabalho.

No dia seguinte, a direcção, para tentar dividir os trabalhadores, propôs um aumento horário dos salários entre 0,50 e 0,70 Fr. para os operários qualificados e somente de 0,10 Fr. para os « manœuvres ».

Considerando estas propostas como insuficientes, sobretudo para os menos favorecidos, os trabalhadores decidiram unânimeamente prosseguir a greve.

Passados três dias e verificando que nenhuma manobra desuniria os trabalhadores, a direcção concedeu, no decorrer de uma entrevista com os delegados do pessoal acompanhados por uma delegação do pessoal que representavam as quatro nacionalidades existentes na obra (Portugueses, Espanhóis Argelinos e Franceses) um aumento de salário horário na seguinte

INCIDENTES GRAVES EM MARSELHA

Os bandidos fura-greves, a soldo do patronato abrem fogo sobre os trabalhadores de porto

Há um mês que os trabalhadores do Porto de Marselha se encontram em luta para obterem satisfação para as suas reivindicações. Recusam-se, entre outras coisas, a fazer horas suplementares.

Para tentar furar este movimento, os patrões contrataram vários gangsters conhecidos. Ante a resistência dos estivadores, estes homens de mão do patronato não hesitaram em abrir fogo sobre os trabalhadores do Porto. Antes de serem dominados pelos estivadores e presos, feriram 5 camaradas, um dos quais gravemente.

Num comunicado, o Comité Confederal da C.G.T. « denuncia com o maior vigor a responsabilidade dos Patrões do Porto de Marselha, neste assunto, que indigna a classe operária ».

A emoção foi considerável em Marselha e os trabalhadores do Porto ripostaram enérgicamente, fazendo uma greve de 24 horas. Uma manifestação de 5.000 pessoas realizou-se, na qual participaram trabalhadores de numerosas corporações.

base : 0,30 Fr. para os « manœuvres » e até 0,70 Fr. para os operários qualificados.

Considerando como aceitáveis estas proposições, os trabalhadores decidiram unânimeamente retomar o trabalho.

Durante esta acção, 34 trabalhadores aderiram à C.G.T., elevando assim o número de operários que aderiram à C.G.T. nesta obra, a 50 sobre os 75 trabalhadores que aí trabalham; o recrutamento continua.

Apenas 5 destes trabalhadores são franceses, sendo o resto trabalhadores imigrados. Este facto confirma que, seja qual for a nossa nacionalidade, só há para a classe operária um inimigo : os exploradores, e que trabalhadores imigrados combatem no seio da classe operária para obterem melhores condições de vida e de trabalho.

Jean SALIBA :
Secretário
da União Sindical C.G.T.
dos Pedreiros e do Cimento.

Para instalar « la Vie Ouvrière » na « sua » casa...

A SUBSCRIÇÃO CONFEDERAL E' LANÇADA

A C.G.T., a quem dais a vossa confiança, na grande maioria, faz-vos um apelo ansioso.

Com o vosso dinheiro, acaparado sob a forma de impostos, esforçamos de vos enganar na televisão, na rádio, etc.

Em virtude desta propaganda perigosa e insidiosa do poder gaulista e do patronato, a C.G.T., graças ao seu semanário central, « LA VIE OUVRIERE », restabelece a verdade, desmascara as mentiras, informa os trabalhadores de tudo o que está de acordo com os interesses de conjunto da classe operária, ajuda cada um de vós a ver claro e a pensar de maneira justa. Ainda neste domínio, e para ajudar os trabalhadores imigrados, a C.G.T. faz um importante esforço, editando regularmente quatro publicações. O jornal « O TRA-

BALHADOR » vos é, especialmente, dedicado.

Mas, hoje, a C.G.T. precisa de vós para poder continuar a fazê-lo. Só vós podereis ajudá-la, em lhes fornecendo meios para tal.

Com efeito, « LA VIE OUVRIERE » é forçada a deixar a sua sede actual. É-lhe necessário adquirir uma nova sede, sem a qual a C.G.T. não mais poderia conduzir em boas condições a necessária batalha ideológica.

É por esta razão que a Comissão Administrativa da C.G.T. decidiu abrir uma grande subscrição nacional para que « LA VIE OUVRIERE » tenha, enfim, a casa que lhe é tão necessária. Esta casa permitiria igualmente de alojar, nas condições correspondentes ao incremento actual que alcançou, « ANTOINETTE », assim como todas as outras publicações confederais.

Como não ignorais, a C.G.T. sofre das graves discriminações da parte dos poderes públicos e não tem outros recursos do que aqueles que vós lhe dais. Mas ela sabe que pode contar convosco. Que nunca se fazem apelos em vão à vossa dedicação e espírito de iniciativa, quando se trata de permitir à classe operária de se defender melhor. Porque os trabalhadores gostam sempre de defender toda a causa que seja a deles mesmos.

« LA VIE OUVRIERE » E' TAMBÉM O VOSSO JORNAL.

Com o vosso dinheiro, que dareis para a causa da verdade, construireis por vós mesmos, cada um com a sua parte, a casa do vosso jornal, e da C.G.T. E assim ele será ainda um pouco mais o vosso jornal.

Trabalhadores, assegurai o sucesso da Subscrição Confederal.